

# 5. CRIMINOLOGIA E MEDICINA LEGAL

## 5.1

### HOMICIDAS SERIAIS

ALVINO AUGUSTO DE SÁ

**SUMÁRIO:** 1. Introdução – 2. Quem é homicida serial (*serial killer*): 2.1 Algumas características do perfil psicológico do homicida serial; 2.2 Dados referentes à história de vida do homicida serial; 2.3 Psicodinâmica da conduta homicidiária – 3. Classificação dos homicidas seriais, segundo De Lucca: 3.1 O modelo S.I.R.; 3.2 Os onze tipos de homicidas seriais e suas motivações – 4. Algumas reflexões sobre a conduta da vítima – 5. Conclusão – Bibliografia.

**Resumo:** Os homicidas seriais apresentam um perfil psicológico, no qual se destacam a hostilidade destrutiva e a ambivalência afetiva, numa história de conflitos e privações. Sua conduta homicidiária tem uma psicodinâmica, tendo como antecedente sua história de vida, passando por um “modelo” de solução, que os faz caminhar das fantasias destrutivas para o propósito de ação, desencadeando uma série de crimes graças a condições facilitadoras, nas quais se inclui a “vítima ideal”. Podem-se reconhecer 11 tipos de homicidas seriais, dependendo de suas motivações básicas e dos fatores socioambientais, individuais e relacionais. As vítimas podem ter um papel importante na perpetração dos crimes, a partir de seu estado interior de fragilidade. Os homicidas seriais aspiram a uma espécie de absoluto, em sua busca de satisfações, tal como todos os indivíduos. Daí o interesse despertado por eles no grande público. Apresenta-se de particular importância a reflexão sobre o absoluto e o infinito na vida dos indivíduos.

**Palavras-chave:** Homicidas seriais; Personalidade e crime; Violência; Vítima.

## 1. Introdução

Os assim chamados homicidas seriais, comumente conhecidos como *serial killers*, constituem uma grande interrogação: quem são eles? por que motivos agem assim? A esta interrogação acrescenta-se outra: quem são suas vítimas? quando seu

rapto se dá por sedução, como é possível elas se deixarem seduzir?

Segundo De Lucca (1997), não há um consenso quanto aos critérios para se classificar um homicida como serial. Os *experts* do F.B.I. teriam critérios mais rígidos e um leque mais fechado, começando pela motivação, que deveria ser direta ou indiretamente sexual, e pelo número de crimes, que deveriam ser no mínimo três. Já o próprio De Lucca oferece um leque mais amplo, conforme se pode ver no sistema de classificação por ele proposto.

Com vistas a oferecer alguns subsídios para se refletir sobre a primeira interrogação acima feita, trataremos, no primeiro item, de algumas características do perfil psicológico, da história de vida do homicida serial e, no segundo item, exporemos o sistema de classificação proposto por De Lucca (1997). Como subsídios para se refletir sobre a segunda interrogação, teremos no terceiro item considerações gerais sobre o comportamento da vítima, com aplicações ao caso específico dos homicidas seriais.

Para o desenvolvimento do primeiro e segundo itens, nossas fontes de consulta foram, no que se refere mais diretamente aos homicidas seriais, De Lucca (1997),

Hollin (1996) e Yentzen (1994). A estas se acrescenta material encontrado na Internet ([www.serialkillers.net/](http://www.serialkillers.net/): artigos subscritados por Amy Goldman e casuística), bem como matéria da Revista Veja (de 26.02.1992). Para o desenvolvimento do terceiro item, a fonte imediata de consulta foi Manzanera (1990).

## 2. Quem é o homicida serial (*serial killer*)

### 2.1 *Algumas características do perfil psicológico do homicida serial*

Sobre o perfil psicológico do homicida serial, começemos por dizer que ele mata por necessidade de matar. Assim como temos necessidade de respirar, de nos alimentar, ele tem necessidade de matar. Uma necessidade que não se liga a motivos racionais, compreensíveis. Seus motivos são internos, totalmente seus, estranhos, inexplicáveis, irremovíveis, ambivalentes, irracionais. A motivação sexual tornaria a conduta homicida até certo ponto explicável. Entretanto, enquanto motivação primeira, ela não parece ser a mais freqüente, contrariamente do que se pensa, segundo o psicólogo Rodney Galan Taboada, da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, e o psicólogo americano Joel Norris, autor do livro *Assassinos Sequenciais: a Ameaça Crescente* (Veja, 26.02.1992). Diz Taboada, referindo-se aos assassinos sequenciais: “A sexualidade é usada por eles como um instrumento para submeter a vítima” (Veja, *idem*, p.36). Norris, conforme matéria citada da Veja, já entrevistou mais de 30 assassinos sequenciais e pesquisou a vida de outros cem. Constatou que um terço deles adere a práticas de canibalismo, vampirismo e/ou necrofilia. Muitos também “aderem a alguma idéia, que pode ser o cristianismo, o satanismo, o racismo ou outros, e funciona como uma justificativa para os assassinatos” (*idem*, p.32). Concordando com a posição de Taboada sobre a baixa incidência da motivação sexual, diz ele:

“O assassino sequencial se excita mais com o cerco e a dominação da vítima do que com a descarga sexual” (*idem*, p. 36). Neste sentido, é oportuna a observação de Bergeret (1990), o qual, ao defender a tese de que a violência no homem é fundamental, ou seja, primordial, inaugural (podendo tornar-se perversa, se não devidamente elaborada e integrada), diz que a mesma, ao se manifestar de forma perversa, poderá ter uma motivação sexual. Esta motivação, porém, seria mero pretexto para tornar a conduta violenta mais compreensível pela sociedade, a qual tem mais propensão a compreender as paixões humanas, do que a violência pura e simples. Para o referido autor, a violência, o “impulso homicida” antecederia ao próprio desejo sexual implícito no complexo de Édipo. Sua resolução se faria exatamente através de sua absorção pelo instinto de vida e de sua canalização dentro de um contexto de maturidade dos instintos, inclusive do sexual.

A partir dos depoimentos de Taboada e Norris e do posicionamento teórico de Bergeret, ter-se-ia como motivação, na base da conduta homicidiária dos homicidas seriais, uma violência fundamental, que busca o domínio, o controle, a destruição, sendo a sexual uma motivação secundária, ou, até mesmo, inconscientemente, um “mero pretexto”.

Os homicidas seriais podem ser pessoas aparentemente normais, que trabalham, às vezes são casados e têm filhos e não inspiram a menor suspeita em seus vizinhos. No entanto, em contraste com essa aparente normalidade, eles têm, como um traço fundamental, segundo Yentzen (1997), uma profunda e brutal hostilidade destrutiva.

A hostilidade é um estado de sentimentos, uma atitude que implica sentimentos e pensamentos. “Incorpora, durante a infância, a totalidade da atitude materna, a qual muitas vezes inclui a própria hostilidade da mãe” (Wilson C., cit. por Yentzen, 1997, p. 284). Difere, pois, da agressivi-

dade, puramente instintiva. A agressividade tem uma história biológica, tem raízes instintuais biológicas. A hostilidade tem uma história de relações humanas, uma história cultural, uma história de represões, frustrações, gerando passividade, dependência, revolta, vingança. A hostilidade gera (e aqui toca-se num dos aspectos da raiz do problema) profundas ambivalências, pelas quais o indivíduo busca desenfreadamente possuir e amar o objeto perdido, ao mesmo tempo que busca exercer sobre ele o poder e o domínio, busca subjugar-lo, muitas vezes via sadismo sexual, e, por fim, destruí-lo. Tem-se aqui um exemplo típico de manifestação e atuação do amor primitivo, no qual vêm fundidos os impulsos destrutivos (ver Sá, 1998). O ritual com que agem muitos homicidas seriais ilustra muito bem, de forma em parte simbólica, essa profunda ambivalência: aniquilam suas vítimas, torturando-as, violentando-as, matando-as e, por fim, dissecando seus corpos, ao mesmo tempo, porém, que querem tê-las consigo, querem possuí-las, (simbolicamente, querem “amá-las”, ainda que com um amor primitivo), comendo e retendo partes de seus corpos, às vezes até acariciando-os após a morte. Marcelo, após ter violentado e estrangulado um garoto de seis anos e ter deixado seu corpo num terreno baldio, voltou ao local do crime à noite e, segundo explicou, colocou “as mãos do menino dentro do calção para que os ratos não roessem os seus dedinhos” (Veja, 26.02.1992). Alguns criminosos alegam que às vezes matavam a vítima porque ela não queria permanecer com eles por algum tempo. Jeffrey Dahmer é um deles (Yentzen, 1997). Uma das vítimas de Marcelo, um garoto de 10 anos, conseguiu escapar da morte e fugir porque submeteu-se a permanecer em companhia do mesmo, após inclusive ver seu irmão de seis anos ser violentado, estrangulado e morto por ele. É como se o homicida serial estivesse querendo satisfazer de forma plena, num só ritual, impulsos pri-

mitivos e contraditórios do ser humano, descarregar todas as tensões deles originadas, pelo que, noutros termos, estaria atingindo a satisfação absoluta, ou seja, o próprio absoluto. O ritual, neste caso, só poderá ser macabro, dificilmente compreensível. O impulso destrutivo não pode ser compreendido meramente através da agressividade, mas sim da hostilidade, tal como foi acima conceituada. É uma mescla de “amor”, “ódio”, sentimentos de solidão, desejo de posse, de vingança, terror de solidão, medo, medo do que existe dentro de si e do que existe fora de si. “A ação destrutiva pode ocultar sentimentos profundamente enraizados de medo ou frustração em relação aos quais as pessoas hostis tentam se defender. O ódio básico egodistônico é sentido como perigoso para a homeostase psicológica do self” (Yentzen, 1997, p. 283). Por conseguinte, a hostilidade poderá ter como conseqüências: ataques súbitos, brutais, mortíferos a vítimas inocentes, permeados de ambivalências simbólicas, representadas num ritual macabro e sádico.

Dentro do espectro das profundas ambivalências inerentes à hostilidade, tem-se a destacar:

- fortes sentimentos profundamente ambivalentes, centrados na fusão primitiva amor e ódio;
- sentimentos de abandono e solidão; terror da solidão;
- necessidade urgente de contacto, fugindo porém a novas relações, por temer novas experiências de abandono;
- dependência, passividade, depressão;
- necessidade de exercer o poder, o controle, o domínio, como forma de superar sua dependência e passividade;
- sexualidade perversa e sádica;
- agressividade hostil e destrutiva;
- vida imaginativa muito rica, rica em fantasias que se distanciam da realidade e estão orientadas para satisfações concretas e imediatas.

## 2.2 *Dados referentes à história de vida do homicida serial*

As famílias dos homicidas seriais em geral são caracterizadas por uma história de problemas e de conflitos. Lares desarmoniosos, desagregados. Pirolli (1997), em seu interessante trabalho sobre a psicodinâmica das personalidades psicopáticas, discorre sobre a idéia de uma possível “herança psíquica” presente nos psicopatas, recorrendo para tanto a Zac, que pesquisou a reestruturação da família após a Segunda Guerra Mundial. Ou seja, famílias profundamente problemáticas e conflitivas fariam passar às gerações futuras seus conflitos, até que, numa determinada geração, eles como que se aglutinariam em determinado indivíduo e manifestar-se-iam através de condutas concretas (*acting out*), pelo que esse indivíduo se tornaria então um psicopata. “O psicopata seria aquele em que se depositaram os conflitos antigos não elaborados. E a quem, por estar fundado em tantas dívidas, é impossível recordar, repetir e elaborar. Veremos que a ele não cabe nem ao menos o repetir, mas somente o atuar” (Pirolli, p. 93).

O homicida serial não raras vezes é vítima de uma educação muito severa, de forte repressão sexual, pelo que se torna severamente prejudicada sua capacidade de lidar com seus instintos. A repressão se faz acompanhar de forte ansiedade e ambas nos fazem pensar num superego tirânico, sendo que esse “trio” é reconhecido por M. Klein (1927, 1933, 1934) como facilitador do desenvolvimento da conduta criminosa. Blacburn (*apud* Hollin, 1996) realizou um estudo comparativo entre criminosos violentos e não violentos e constatou que o que mais diferenciou os violentos dos não violentos foi a presença significativamente maior entre eles de indivíduos deprimidos-inibidos.

A história de vida dos homicidas seriais costuma ser rica de traumas emocionais, tanto na infância, como na adolescência.

Vale lembrar ainda que eles, via de regra, foram vítimas de privações emocionais significativas. Sobre as conseqüências das privações emocionais para o desenvolvimento da hostilidade e da delinquência, não se pode deixar de fazer menção a Winnicott e Bowlby (ver Sá, 1998).

## 2.3 *Psicodinâmica da conduta homicidiária*

A partir de tudo o que se disse até agora, pode-se pensar numa psicodinâmica da conduta homicidiária, na qual teríamos os fatores antecedentes, facilitadores: sentimentos de abandono e solidão, dependência, passividade, frustração afetiva, repressão sexual, medo e terror, ambivalência, desejo de controlar e dominar, perversão sexual. Tais fatores vão desencadear a hostilidade destrutiva, constituída, num primeiro momento (que pode durar anos), unicamente de pensamentos e sentimentos. Tais pensamentos e sentimentos, dependendo de “modelos de solução”, vão orientar-se para a ação, num momento seguinte. Entre os “modelos de solução” estão outros crimes praticados, sobretudo se amplamente repercutidos na mídia.

Estando a hostilidade destrutiva orientada para a ação, é como se o gatilho estivesse armado. Basta agora o homicida serial em potencial encontrar condições facilitadoras e desencadeantes, que incluem, entre outras coisas, local propício e “vítima ideal” (que se ajusta aos seus impulsos e lhe facilita a ação). Ocorreria então a primeira experiência concreta de agressividade hostil destrutiva, ou seja, de atuação hostil destrutiva, através da prática homicida, na maioria das vezes com atos de brutal sadismo. Tem-se a primeira experiência da passagem ao ato, através da qual o agente criminoso se sente aliviado ao descarregar um manancial de tensões que vêm se acumulando em sua mente. Recompensado por essa experiência e tendo obtido sucesso, as portas estão abertas para outros ataques sucessivos, inexplicáveis,

destrutivos, que o criminoso passa a desferir contra outras vítimas. Suas vítimas, em sua maioria, não fazem parte de seu convívio familiar ou de seu ambiente mais próximo. Via de regra, são inocentes, ou seja, não assumem nenhuma atitude de provocação. São vítimas em geral desconhecidas suas, mas que, quando cruzam seu caminho, aparecem-lhe simbolicamente carregadas de significados, e em relação às quais ele vive profundos sentimentos ambivalentes.

### 3. Classificação dos homicidas seriais, segundo De Lucca

De Lucca (1997) propõe um sistema amplo de classificação dos homicidas seriais, prevendo uma ampla diversidade de tipos e de motivações. Contrapõe-se aos critérios do F.B.I, cujos *experts*, segundo ele, consideram como homicidas seriais somente aqueles que tenham em sua história no mínimo três vítimas e cuja conduta, de uma forma ou de outra, tenha uma motivação sexual. Cita a classificação de Holmes e De Burger e diz ser ela muito restrita, ao prever somente quatro tipos, não considerando também aqueles casos em que ocorrem somente duas vítimas. Fundamenta sua classificação no que ele chama de “modelo S.I.R.” e propõe 11 tipos de homicidas seriais.

#### 3.1 O Modelo S.I.R.

O modelo S.I.R. busca analisar e compreender o comportamento do homicida serial à luz da teoria sistêmica. O autor adota o conceito de sistema de Hall e Fagen (1956): “Um conjunto de objetos e de relações entre os objetos e entre os seus atributos”. O modelo proposto pelo autor para analisar e classificar a conduta dos homicidas seriais prevê três fatores, ou três conjuntos de fatores: Fatores Socioambientais – F (S), Fatores Individuais – F (I) e Fatores Relacionais – F (R). Daí a sigla S.I.R.

Vejamos esses três conjuntos de fatores:

– F(S): famílias problemáticas, geradoras de uma série de traumas. Na adolescência e vida adulta: baixo nível de inserção social, com a vida interior voltada a fantasias sexuais e a imaginações distantes da realidade. Ocorrem eventos facilitadores e desencadeantes que, para o homicida serial, são fatais.

– F(I): duas características fundamentais do homicida serial são a força e qualidade de sua sexualidade e a sua vida imaginativa muito rica e articulada. Encontram-se nele necessidades estritamente subjetivas, muito estranhas, que ele coloca como justificativas de seus crimes.

– F(R): é a síntese, o ponto de encontro entre os dois fatores precedentes. Os homicidas seriais têm dificuldades em manter relações adequadas com o próximo. Ainda que aparentemente possam manter relações sociais, profundamente vivem na solidão, entregues às suas fantasias e imaginação. As relações sociais são superficiais e tensas, inclusive no seio familiar.

A conduta dos homicidas seriais, seu projeto de vida são resultantes, portanto, das matrizes psicológicas dos pensamentos familiares, somadas às suas características individuais.

Através de sua ação homicidiária, o homicida serial, cuja estrutura psíquica (cujo sistema) já é de si débil e precária, procura recompor, ainda que temporariamente, o seu sistema, já que, por conta de relações (ou novas relações) negativas e desagregatórias, esse seu sistema está se desmoronando e ele, o homicida, perde o senso de realidade e fica à mercê de seu mundo interno. Sob esse pressuposto da busca de um equilíbrio provisório, pode-se entender as oscilações da produção criminal dos homicidas seriais, com seus “altos” e “baixos”.

#### 3.2 Os onze tipos de homicidas seriais e suas motivações

De Lucca distingue 11 tipos de homicidas seriais (HS), a partir de suas motivações

(motivos), identificando nessas motivações os fatores primários (F1) e os fatores secundários (F2), bem como o grupo de fatores a que pertencem: S (socioambientais), I (individuais) e R (relacionais).

Os 11 tipos são os seguintes:

**1) H.S. por ganho (vantagem econômica) pessoal (HS-GP)**

Motivo: herança ou apólices de seguro. São mais frequentes entre casais, principalmente por parte das mulheres, que têm levado uma vida cheia de privações e uma vida conjugal miserável e cheia de frustrações.

– F1(I): necessidades pessoais que se tornam prioritárias em relação a qualquer valor moral.

– F2 (R): despersonalização da vítima, que, em geral, pertence ao seio familiar, transformando-a em mero objeto. Os H.S. deste tipo são sociopatas puros.

**2) H.S. situacional (HS-S)**

Crimes cometidos exclusivamente por homens. Embora intencionais, não são premeditados. O indivíduo que, via de regra, está envolvido num outro crime, entra em pânico, quer por-se a salvo e se vê tomado de um desejo de matar, que se repete em toda situação análoga, sendo que as vítimas não constituem nenhum perigo para ele e são casuais. O crime pode resultar da raiva do agressor ante as negativas da vítima ou da frustração ante a insignificância do produto de seu roubo. Fazem parte deste grupo os “ladrões seriais”, que roubam para satisfazer uma excitação, que se completa com o homicídio, como ocorreu quando matou pela primeira vez.

– F1(S): um “curto-circuito” na mente do homicida provocado pela presença inesperada de uma testemunha ou de um obstáculo à sua empreitada criminosa. Sua reação torna-se automática nos homicídios posteriores (evento desencadeante).

– F2 (I): comumente, estes homicidas são pessoas impulsivas, descontroladas,

que carecem de “sangue frio” para enfrentar situações de *stress* agudo e súbito.

**3) H.S. motivado por erotomania (HS-E)**

Crimes raros, provocados pela fixação numa permanente excitação sexual (de natureza sobretudo psíquica), com idéias fixas num amor romântico idealizado, impossível, que tornam insatisfatória a convivência com os parceiros reais. Praticados exclusivamente por mulheres, que têm uma sexualidade muito acentuada, porém reprimida, sendo as vítimas do sexo masculino.

– F1(I): estado interior de insatisfação emocional da mulher, que a leva, desde quando ainda menina, a fugir da realidade e a mergulhar na vida imaginativa, à procura de seu “príncipe encantado”. O homicídio é um meio de fugir à realidade frustrante. Cometido o primeiro, a mulher vê-se novamente frente à mesma realidade frustrante e continua a cometer os demais, à procura do mundo idealizado.

– F2 (R): relações insatisfatórias com um marido tedioso, não imaginativo, às vezes alcoólatra, violento, autoritário.

**4) H.S. provocado por um conflito (HS-Co)**

Os homicídios, cometidos principalmente por homens, são provocados por briga entre duas pessoas, das quais uma mata a outra, levada por impulsividade, graças a uma personalidade violenta pouco tolerante a situações de *stress*. O homicida tende a matar para fazer valer as próprias razões.

– F1(R): relação negativa, de duração variável, entre o assassino e a vítima. Também não premeditado, não tem fase “prodromica”. O crime é precedido por expressões de ameaça de morte.

– F2 (I): predisposição a atuar (*acting out*) de forma agressiva.

**5) H.S. por vingança simbólica (HS-VS)**

Homicídios cometidos só por homens. O homicida dirige contra suas vítimas,

totalmente inocentes, sua raiva e revolta endereçadas a outras pessoas, a um diretor de sua empresa, por exemplo, que o despediu ou lhe negou uma promoção; neste caso, as vítimas poderiam ser outros empregados. Às vezes, o homicida vingava-se de uma ou mais mulheres por conta de seu fracasso como homem, reafirmando assim sua superioridade. O criminoso comumente é filho de uma mãe tirânica, tornando-se um adolescente tímido, sexualmente reprimido e fracassado nas relações com as mulheres. ( Afinidade com HS-CP e HS-Sex). O assassino estupra suas vítimas como forma de submetê-las a humilhação e vexame.

– F1(R):distorção das relações entre o assassino, que sente ter sofrido um dano irreparável, e a vítima, que representa o seu inimigo inatingível.

– F2 (I): incapacidade de tolerar frustrações e conflitos, elevado conceito de si e fortes reações paranóicas.

#### **6) H.S. por motivação irracional (HS-MI)**

Crimes praticados via de regra por esquizofrênicos paranóides, cujos motivos são irracionais, indecifráveis. A justificativa mais comum é a de que o indivíduo ouve vozes, divinas ou demoníacas, que ordenam a prática homicida. É necessário empreender uma investigação muito profunda, para identificar os casos de simulação de doença mental

– F1(I): no caso dos psicóticos, o fator praticamente exclusivo é seu estado psíquico. As vítimas são escolhidas ao acaso.

– F2 (S): genitores escassamente afetuosos, ambiente saturado de estímulos negativos, ocorrência de vários traumas durante o desenvolvimento.

#### **7) H.S. motivado por extremismo (HS-Ex)**

Homicídios motivados por uma fé em um sistema político, econômico, religioso ou social. Distinguem-se quatro subgrupos:

a) Por extremismo político (HS-ExP);

b) Por extremismo religioso (HS-ExR) (aproxima-se do HS-MI);

c) Por extremismo socioeconômico (HS-ExS);

d) Por extremismo paramilitar (HS-ExPm) (as vítimas são alvos que devem ser eliminados e o assassino se equipa com armas pesadas).

– F1(S): o tipo de tecido social e o nível de inserção nesse tecido são definitivos.

– F2 (I): as convicções do indivíduo, o fanatismo religioso, a intolerância racial.

#### **8) H.S. por eutanásia (HS-Eu)**

O indivíduo (tanto do sexo masculino como feminino) escolhe como vítimas pessoas que, a seu ver, estão sofrendo injustamente. O sentimento de piedade é só aparente. O verdadeiro motivo é uma sensação de poder e de domínio, pelo que este tipo se aproxima do que vem a seguir (HS-CP). Os homicídios são confundidos com mortes por causa natural.

– F1(I): convicções pessoais do assassino.

– F2 (S): países nos quais há maior tolerância para com a eutanásia.

#### **9) H.S. por controle do poder (HS-CP)**

Através dos homicídios, o indivíduo manifesta a sua necessidade de onipotência. Em geral, são praticados com brutalidade. Subdivide-se em três subgrupos:

a) Para ser o centro da atenção (HS-CPA). Coloca a vítima em situação de perigo e, em seguida, tenta salvá-la, claramente sem sucesso. Crimes cometidos sobretudo por mulheres que põem em perigo de vida seus próprios filhos ou outras crianças.

b) Por sadismo (HS-CPS). O assassino impõe à vítima o máximo de sofrimento possível, antes de matá-la, assumindo sobre ela o poder de vida ou morte. O prazer deriva das reações de dor da vítima. Associa-se a fantasias sexuais sádicas, ocorrendo

a prática de atos sexuais degradantes e violentos.

c) Homicídio serial missionário (HS-CPM). O indivíduo assume o papel do juiz e justiceiro e passa a eliminar certo grupo de pessoas (prostitutas, vagabundos, mendigos, homossexuais) e isto lhe dá muito prazer (aproxima-se do tipo HS-MI).

– F1(I) e F2(S): necessidade prioritária de sentir-se importante, que não pode ser satisfeita em nenhuma esfera social.

#### 10) H.S. sexual (HS-Sex)

Está presente uma motivação sexual primária na base da ação homicida. Pode haver o estupro (antes e/ou depois da morte) ou uma agressão sexual pela introdução de objetos nos orifícios do corpo da vítima. Distinguem-se dois subgrupos:

a) Homicídio serial sexual sádico (HS-Sex S). O indivíduo obtém gratificação sexual impondo grandes sofrimentos às vítimas. Muitos indivíduos começam sua carreira criminal com uma série de estupro. Na base desta conduta, pode haver uma “hiperestesia sexual”.

b) Homicídio serial sexual necrófilo (HS-Sex N). É o oposto do antecedente. O assassino mata a vítima o mais rápido possível, procurando preservar o máximo possível seu corpo, a fim de manter consigo um corpo intacto. Às vezes, nem consegue completar o ato sexual. Após alguns dias, pode seccionar o cadáver para conservar algumas partes e desfazer-se do resto.

– F1(I) e F2(S): ambientes familiares traumatizantes, sobretudo no que diz respeito à sexualidade, podendo ter ocorrido abusos sexuais ou uma educação sexual muito severa e repressiva.

#### 11) H.S. por motivações mistas (HS-MM)

As motivações variam de um homicídio para outro. As vítimas podem ser alternativamente do núcleo familiar, conhecidas ou desconhecidas. Estes homicídios frequentemente não são bem esclarecidos.

– F1(I): o indivíduo parece impulsional a matar, não consegue conter-se, por uma necessidade interna.

– F2(S): comumente, trata-se de infratores que, quando de seu primeiro homicídio, tinham já uma carreira criminal, pelo que o homicídio é simplesmente uma última etapa desse seu desvio em relação ao ambiente.

#### 4. Algumas reflexões sobre a conduta da vítima

Hoje em dia, não se entende mais o papel das vítimas de crime como exclusivamente passivo. Isto sem falar necessariamente nos crimes de homicídios e lesões corporais nos quais a vítima tem uma conduta clara e reconhecidamente provocadora. A participação da vítima se faz de múltiplas formas, direta ou indiretamente, explícita ou latentemente, consciente ou inconscientemente. A busca inconsciente do fracasso, da privação, do acidente está presente em muitas pessoas. Tais “buscas” têm uma motivação básica de autodestruição e se associam à própria tendência suicida, conforme tivemos a oportunidade de expor em trabalho anterior, sobre a “personalidade do suicida” (Sá, 1995). A tendência suicida é um processo interior e insidioso de autodestruição. Como processo, não é algo acabado, mas que se implanta, se alimenta, se complexifica e desenvolve. Como interior, não é algo explícito, ao menos inicialmente, nem ao próprio indivíduo. Como insidioso, esse processo autodestrutivo vai se apossando aos poucos da mente do indivíduo, de forma sub-reptícia. A probabilidade de concretização dessa tendência autodestrutiva aumenta na medida da intensidade do supra-citado processo insidioso e da intensidade das condições precipitantes, bem como, por outro lado, diminui, na medida em que o indivíduo dispuser de processos alternativos ao processo autodestrutivo. A “tendência suicida” manifesta-se, concretiza-se não unicamente através da conduta suicida, pro-

priamente dita, mas também através de formas disfarçadas, alternativas e, evidentemente, atenuadas da mesma, incluindo-se entre elas a própria conduta vitimógena. Von Hentig (*apud* Manzanera, 1990), ao falar dos tipos de vítima, refere-se ao tipo deprimido, a saber, pessoas que se encontram abatidas no instinto de autoconservação e se colocam em situações de perigo. Assim se expressa ele, ao falar especificamente sobre vítimas de homicídio: "A vítima não é unicamente um objeto inanimado, senão um elemento ativo na dinâmica do assassinato. Não só se ajustam mutuamente com frequência o autor e a vítima, como a fechadura e a chave, como também suas condições de vida apresentam frequentemente peculiaridades complementárias" (Manzanera, 1990, p. 259).

Por outro lado, é de capital importância lembrar-se e frisar-se que, na base da conduta vitimógena, não se encontram unicamente motivações autodestrutivas. Pelo contrário, existem também motivações orientadas para a busca de satisfações fáceis, busca de prazer, lascívia, consolo, sucesso, ganho fácil, a partir de um estado de frustrações, vazio interior e solidão. Von Hentig reconhece os seguintes tipos de vítima, além do já citado tipo deprimido: ambicioso (desejoso de lucro), lascivo (propenso à luxúria) e solitário ("baixa suas defesas em busca de companhia e consolo") (Manzanera, 1990, p. 84). O autor fala das "vítimas com ânsia de viver": são pessoas que se sentem privadas dos bens e prazeres que outras têm, e querem, em curto espaço de tempo, recuperar o tempo perdido, movidas pela ânsia de liberdade, aventuras, novas experiências, etc. A este respeito, é digna de nota a curiosa coincidência entre as táticas adotadas pelo "maníaco do parque", que vitimou mais de dez mulheres em São Paulo em 1997/1998, e pelo famoso *serial killer* americano Jeffrey Dahmer, que atuou sobretudo na década de 80 até início da década de 90, tendo vitimado 17 jovens. Ambos prometiam às suas vítimas uma

sessão de fotos destinadas à publicidade. Marcelo, conforme já citada matéria publicada na Veja (26.02.1992), matou barbaramente 13 meninos, com idades que variavam de seis a 12 anos: seduzia meninos pobres, prometia a eles lanche e uma boa soma de dinheiro. Percebe-se que, sob este ponto de vista, as frustrações e motivações do homicida serial e de suas vítimas, por mais paradoxal que possa parecer, podem se aproximar bastante, cada um buscando seu objetivo e formas de satisfação a seu modo. O homicida serial, já dissemos acima, está à procura de uma satisfação plena, como que de um absoluto. De igual forma, a vítima, verdadeiramente vítima, isto é, aquela que já se encontra num estado de alma frágil, carente, vulnerável, crivado de frustrações (tal como seu algoz), também está à procura de um absoluto. Eisenberg, ao classificar os tipos de relações entre delinquente e vítima, refere-se, no primeiro grupo (num total de quatro), a uma "vinculação pessoal nascida de uma fixação psíquica ou física (simbiose)" (Manzanera, 1990, p. 127). Manzanera traz, à p. 130, um quadro esquemático das possíveis relações entre criminoso e vítima, no que diz respeito às variáveis conhecimento (conhece/desconhece) e atitude (atração/repulsa/indiferença), e prevê, entre todas as combinações possíveis, a relação atração/atração, na qual criminoso e vítima sentem-se atraídos um pelo outro. Podemos pensar portanto numa atração por parte da vítima, ainda que inconsciente e por motivos inconscientes, e ainda que frente a um criminoso por ela desconhecido. Segundo o mesmo autor, muitas vezes "a escolha da vítima depende da percepção que o criminoso tem dela". O criminoso, em sua possível capacidade intuitiva, poderá perceber, captar a maior ou menor acessibilidade, disponibilidade, fragilidade e carência da vítima (*idem*, p. 34).

Conclui-se, pois, que certas pessoas são portadoras de condições vitimógenas, que as tornam mais susceptíveis de se tornarem

vítimas de crimes: crimes de roubo, estelionato, estupro e também dos crimes dos homicidas seriais. São condições referentes, seja a um processo autodestrutivo, de busca inconsciente do sofrimento, fracasso, humilhação, punição ou até mesmo da morte, seja a um processo de busca de satisfações fáceis, de prazer, de ganho, de sucesso, de busca de soluções fáceis para frustrações profundas e antigas. Numa hipótese ou noutra, diríamos que o “estado de alma” dessas pessoas, via de regra, se caracteriza pela fragilidade, frustração, carência (afetiva, econômica, social), baixa auto-estima, susceptibilidade, sugestionalidade, ingenuidade, confiança (ingênua), inexperiência, negligência, entre outras coisas. Por conseguinte, a prevenção contra a vitimização pelos mais diversos tipos de condutas criminais, inclusive a dos homicidas seriais, não importa simplesmente num cuidado redobrado em relação a lugares perigosos, propícios a práticas criminosas, e em relação a pessoas suspeitas, muitas vezes até claramente suspeitas. As pessoas têm que primeiramente tomar cuidado consigo mesmas, têm que primeiramente suspeitar de si mesmas. Têm que estar atentas às suas fragilidades, necessidades, carências (objetivas ou subjetivas), aos seus anseios, impulsos, frustrações e fantasias. Assim como no deserto a sede extrema faz com que o itinerante veja água onde não existe, assim também, analogamente falando, o estado de fragilidade, carências, frustrações, permeado de fantasias e sonhos, poderá fazer com que a pessoa veja somente verdade e esperança naquele que a seduz e fique totalmente cega para as armadilhas que ele lhe está preparando. O poder de sedução do homicida serial (quando se trata de sedução, pois o rapto pode se dar unicamente pelo uso da força e da violência) deve-se, entre outras coisas, a: a) total insensibilidade do infrator para com sua vítima, o que facilita sobremaneira a sua façanha persuasiva; b) estado de fragilidade e carência do infrator, o que faz com que ele saiba sintonizar-se muito bem com o estado de fragi-

lidade e carência da vítima a adotar junto a ela as táticas persuasivas mais adequadas; c) estado de fragilidade, carência e inexperiência da vítima, que faz com que ela veja “água” onde só existe “areia”.

Portanto, o combate à criminalidade, as medidas de prevenção da violência não dependem unicamente de esquemas de segurança, de medidas governamentais, de operações policiais eficientes, ou mesmo de programas de prevenção da própria criminalidade junto aos grupos de risco de se tornarem delinquentes ou de voltarem à delinquência. Dependem também de programas de prevenção das vítimas, de cuidados especiais por parte de todas as pessoas. As pessoas têm que aprender a olhar para seu interior e verificar com muita atenção se não está acontecendo ou se instalando dentro delas certo estado de “descuido inconsciente” para consigo mesmas, pelo que seriam levadas a não reconhecerem ou a minimizarem as condições de risco a que se expõem. Ou se, por outro lado, elas não estariam se aventurando a buscar soluções fáceis e imediatas, deixando-se tomar por sonhos e fantasias, à primeira vista muito mais atraentes e sedutoras do que a realidade, e, com isto, estariam se expondo a armadilhas e se tornando vulneráveis às mesmas. Muitos crimes não aconteceriam se não houvesse as assim chamadas “presas fáceis”.

## 5. Conclusão

No centro do mundo misterioso e instigante do homicida serial vamos encontrar a agressividade hostil, destrutiva, sádica, que se alimenta de profundos sentimentos ambivalentes, mórbidos, obsessivos, cujo alvo, no final das contas, é o próprio absoluto. Suas raízes remontam ao amor primitivo da criança, no qual estão fundidos impulsos destrutivos. Remontam à época primordial em que imperava o que Freud chamou de sentimento oceânico, pelo qual a criança se sente fundida no universo e com ele identificada,

numa experiência primária de onipotência narcisística. Portanto, o alvo das fantasias, das necessidades e da hostilidade destrutiva do homicida serial é o próprio absoluto. Um absoluto jamais alcançado e jamais alcançável, porque sempre procurado e perseguido por vias profundamente equivocadas e mórbidas.

E aí nós nos perguntamos: por que motivo os homicidas seriais suscitam tanto interesse em nós, na opinião pública, na mídia em geral? Dizer que eles constituem uma preocupante ameaça à sociedade é dizer uma inverdade. Dizer que nós todos somos homicidas seriais em potencial não deixa de ter o seu lado de verdade. Tudo o que nos desperta muito interesse tem algo a ver conosco. Mas o que eu gostaria de realçar no homicida serial, e que tem muito a ver conosco hoje, com o homem, com a sociedade, é a sua profunda ambivalência, as suas contradições e a sua busca ambivalente e contraditória do absoluto. A sociedade hoje adota racionalmente o relativismo e nessa balança tende a colocar certos valores fundamentais da moral e da convivência humana. Só uma coisa o homem não admite como relativa: a sua felicidade, que ele quer plena, sem limites, como herança do sentimento oceânico, que dominava sua mente, quando recém-nascido. Na verdade, no profundo de seu ser, aspira ao absoluto, ao infinito, embora racionalmente e explicitamente os negue. Daí, suas condutas profundamente contraditórias e ambivalentes. O homem não quer se defrontar com a morte, procura vida plena, e esquece-se de que, para encontrar o sentido da vida, é imprescindível deparar-se com a morte e sobre ela refletir.

A sociedade procura sofregamente a vida, o poder, a riqueza, todas as formas de prazer, só que, ao fazê-lo, provoca a morte, a submissão, a miséria e o sofrimento. Neste sentido, a sociedade, como um todo, seria um grande *serial killer*; ela, em si, seria um grande homicida serial. Está à procura do absoluto, da vida e do

amor, porém, por vias profundamente equivocadas, contraditórias, ambivalentes e mórbidas, tal como o fazem os homicidas seriais. O Prof. Dr. De Leon, do Instituto de Psicologia da USP, dizia, numa banca examinadora, da qual tivemos a honra de participar, no referido Instituto: "Nós hoje vivemos num verdadeiro Auschwitz". Para não aparentar estar incursionando por uma "vã filosofia", gostaria de explicitar brevemente três formas destes "homicídios seriais" da sociedade, aos quais nós todos acabamos aderindo às vezes, de uma forma ou de outra. São elas: o ataque ao meio ambiente, o capitalismo selvagem e a marcha impetuosa da globalização.

O homem, ao procurar com volúpia a vida na natureza, pensa somente em sua própria vida e esquece-se de que ela depende da vida da natureza. Em seu esquecimento, ataca a natureza, espalha a morte e alarga os caminhos para sua própria morte e de seus descendentes. O homem agarra-se desesperadamente ao meio ambiente, para ampliar seu poder e domínio, porém aos poucos destrói esse mesmo ambiente, impõe-lhe uma morte paulatina, processo mortífero esse que, senão estancado, atingirá as gerações futuras do próprio homem. Enfim, busca-se a vida, a felicidade, espalhando-se a morte e a destruição.

Quanto ao capitalismo selvagem, penso não ser exagero dizer que já traz inoculado em si o vírus da própria morte. Nele, o "rico", o explorador, precisa do "explorado", para dele extrair a vida. Só que, ao "sugar-lhe" a vida, ele o mata, e, ao matá-lo, estará decretando sua própria sentença de morte. Ocorre-me aqui uma alegoria. Ouvi tempos atrás de uma aluna, também bióloga, que o Instituto Butantã tira sangue de cavalos para fazer soro, ou seja, para preservar a vida. Só que, evidentemente, o cavalo destinado a esse fim vai fatalmente se enfraquecendo. Para tanto, o Instituto dá-lhe suprimentos alimentícios e vitamínicos especiais, para mantê-lo vivo o máximo de tempo possível e aproveitar o máximo o seu sangue. Uma medida que,

embora necessária, evidentemente, serve de alegoria para o que acontece no capitalismo selvagem, nas relações entre exploradores e explorados. O homicida serial, no seu ímpeto de matar, muitas vezes quer manter viva a sua vítima, a fim de que possa continuar usufruindo de sua vida e de seu corpo, para sua felicidade plena.

A globalização é um outro fenômeno no qual ocorre a marcha desenfreada para o poder, para a qualidade plena, para a felicidade global. Busca-se a qualidade total. A qualidade total, hoje a grande bandeira das organizações, tida como imprescindível para sua sobrevivência, insofismavelmente atinge as raízes do absoluto. É o homem buscando mais uma vez o absolutamente perfeito, o global, uma vida sem limites. Só que, sob uma pretensa comunhão universal, à busca de uma vida plena, o que se observa é o grande risco de novamente espalhar a morte: a morte dos mais fracos, a morte dos que não se mostram totalmente qualificados à luz dos parâmetros da globalização. Há o risco de ocorrer a morte de povos, de países, na medida em que se sufocam suas identidades culturais, sua história, seu modo de ser próprio e irredutível. O amor sadio entre duas pessoas supõe a manutenção de suas identidades, como duas pessoas distintas e irredutíveis. O amor que funde as pessoas é sufocante e mortífero, tal como o é o amor do homicida serial. E há que se tomar muito cuidado. Há povos que não se sujeitam a perder sua identidade. Quando se vêem abalados em sua identidade e se sentem como que ameaçados de desmoroamento, podem partir para atos muitas vezes insanos, pelos quais espalham o terror e a morte, mas pelos quais estão reivindicando seu igual direito à vida plena.

Gostaríamos de concluir esta exposição, lembrando o Livro do Eclesiastes, da Bíblia Sagrada. Um livro sem dúvida pessimista, mas que, ao menos alegoricamente, lembra o curso vital do homicida serial e, por que não dizer, da própria sociedade

de hoje, em sua busca desenfreada de uma vida plena, pela qual acaba espalhando e encontrando a infelicidade, a miséria e a morte. Diz o referido livro, logo no início: "Vaidade das vaidades, diz o Eclesiastes, vaidade das vaidades, tudo é vaidade." O autor prossegue, falando de sua caminhada pelo mundo, de suas grandes conquistas de poder, de toda sorte de bens materiais, de toda sorte de prazer, noutras palavras, falando de sua busca do infinito e do absoluto, mas chegando sempre à mesma conclusão fatídica: a de que tudo é vaidade e vento que passa. O otimismo existe e sempre deverá predominar. Deixamo-lo porém por conta da reflexão de cada um, conclamando a cada um para que tome consciência da realidade do absoluto e da necessidade de uma busca sadia do mesmo. Afinal, o sentimento oceânico um dia se manifestou em nós de forma explícita e, a partir daí, ele jamais deixou de existir. Dele ficou como herdeiro um desejo profundo em cada um de nós de comunhão com o infinito e o absoluto. O grande problema não está em procurar o infinito, o absoluto, mas em procurá-los pelas vias primitivas, infantis, profundamente equivocadas, que, no lugar de conduzirem à vida, conduzem à destruição e à morte. Esta lição devemos aprender com os *serial killers*: ao tomarmos um caminho que pensamos conduzir-nos à felicidade plena e ao absoluto, poderemos estar tomando justamente aquele que nos leva à destruição dos outros e que implanta em nós um processo insidioso e paulatino de nossa própria morte. Daí a aproximação que fizemos acima entre a psicodinâmica dos homicidas seriais e a psicodinâmica da tendência suicida.

Todos nós sofreremos em nosso íntimo parcelas de solidão, porque, de um lado, jamais possuiremos plena e definitivamente o objeto e, de outro lado, jamais o objeto de nossa posse será absoluto e plenamente satisfatório. Tudo na vida se nos apresenta como relativo e, até certo, provisório, por mais que nós, na voracidade de nossos

desejos e na finitude de nosso ser, queiramos reter os objetos de nosso amor, tal como o fazem os *serial killers*, em seu ritual macabro e simbólico, ao desejarem reter consigo suas vítimas ou partes de seus corpos. No entanto, chego a pensar (e nisto Jung me daria razão) que seria saudável para o homem ter sempre como sua bússola e como sinal no horizonte, a orientá-lo em sua caminhada pelo universo, a perene e instigante hipótese do infinito e do absoluto.

### Bibliografia:

- BERGERET, J. *La violencia fundamental: el inagotable Edipo*. Trad.: Carlos Padrón y Soledad Escassi. Fondo de Cultura Económica. Madrid: Ediciones Gráficas Ortega, 1990.
- DELUCCA, R. "L'Omicidio Seriale e il Modello S.I.R.: una proposta de classificazione psicologica." *Rassegna Italiana di Criminologia*. 1997, anno VIII, n. 3/4, jul./out., 1997, p. 387-404.
- HOLLIN, Clive R. *Psychological approaches to understanding serious crime*, in HOLLIN, *Psychology and crime: an introduction to criminological psychology*, London: Routledge, 1996, p. 63-99.
- KLEIN, M. Tendências criminais em crianças normais (1927); O desenvolvimento inicial da consciência na criança (1933); Sobre a criminalidade (1934); in: *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- MANZANERA, L. R. *Victimologia: estudio de la víctima*. 2. ed. México: Editorial Porrúa, S.A., 1990.
- PIROLI, K. S. *Personalidade psicopática: um estudo sobre sua estrutura psíquica e seu funcionamento*. Dissertação de mestrado apresentada e defendida no CEPPE – Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, da Universidade Guarulhos, 1997.
- . *Revista Veja*, A mente do monstro, matéria assinada por Virginie Leite, 26.02.1992.
- SÁ, Alvino A. de. (1998). *Privação emocional e delinquência*. Trabalho apresentado na Segunda Jornada de Ciências Penais (realizada na Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) no dia 07.10.1998, e no Congresso Internacional de Ciências Penais, 98 (realizado em Havana, Cuba) no dia 19.11.1998.
- . (1996). A personalidade do suicida. *Revista Brasileira de Ciências Criminais* 63-71, 3(10), abr./jun. 1996.
- YENTZEN, J. et al. (1994). Destructive hostility: the Jeffrey Dahmer case (A psychiatric and forensic study of a serial killer). *The American Journal of Forensic Medicine and Pathology*. 15 (4), dec./1994, p. 283-294.